



E N I G M A

JAN MORRIS

ENIGMA
HISTÓRIA DE UMA MUDANÇA DE SEXO

Tradução de Paulo Faria

L I S B O A
T I N T A - D A - C H I N A
M M X V I I

ÍNDICE

<i>Nota do tradutor</i>	9
<i>Agradecimentos</i>	13
INTRODUÇÃO	15
1. Debaixo do piano – acima do mar – transexualidade – o meu enigma	19
2. Viver uma mentira – o ninho de passaritos – em Oxford – um pequeno caroço – na catedral – o riso	29
3. O sexo e o meu enigma – no palheiro – o género e o grande Bolsover	41
4. A saudação do coronel – da vida militar – um impostor na messe – Otto – não-pessoas	49
5. Identidade – pseudo-precedentes – o Dr. Benjamin – «alterar o corpo!»	65
6. «Zero!»	81
7. A salvação – um amor sublime – <i>objets d'art</i> – o rouxinol	87
8. Três padrões – «Basta ser do <i>Guardian</i> » – meia coluna – entre os egípcios – abominação	99
9. Para o Evereste – o fulgor masculino – o ritmo masculino – um homem santo	113
10. Laivos de paranóia? – um mundo ruim – sem refúgio	125
11. Deleitar os sentidos – a luxúria de Veneza – o consolo de África – sublimações	131

© 2017, Jan Morris
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Conundrum*
© 1974, Jan Morris

Título: *Enigma. História de Uma Mudança de Sexo*
Autora: Jan Morris
Tradução Paulo Faria
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2017

ISBN 978-989-671-382-9
Depósito Legal n.º 425867/17

12. Mudar de sexo – efeitos hormonais – uma condição precária – estratégias de defesa – regras	141
13. Oxford de novo – logística – Jan – «Entre!»	157
14. Da cirurgia	167
15. Trefan – o último Verão – o temperamento galês – ao encontro do mágico	171
16. Casablanca – na clínica – um pensamento assombroso – tornei-me normal – Camaradas! – um novo ser exótico saído das profundezas de África	179
17. Só pelo gozo? – o modo apropriado – maneiras de ver o mundo – sensações femininas – esquecer	191
18. Problemas ainda – uma pergunta tola – «uma pessoa fica perplexa» – mágoas?	205
19. A condição humana – meditações – ainda debaixo do piano	215

Nota do tradutor

Enigma, de Jan Morris, confronta o tradutor português com um problema bicudo para resolver. Que sexo «atribuir», do ponto de vista gramatical, à personagem do/da narrador/narradora nos diversos momentos da narrativa? Na língua inglesa esta questão põe-se com acuidade bem menor. Com efeito, o português exige, bem mais do que o inglês, a determinação clara do género do falante ou escritor numa multiplicidade de situações.

Jan Morris escreveu este livro em 1974, com quarenta e oito anos, quando já era, do ponto de vista físico (e não apenas psicológico e emocional), uma mulher. Até à operação de mudança de sexo a que se sujeitou, Morris era, no entanto, um homem (James Humphrey Morris de seu nome de baptismo), visto como tal por todos os seus contemporâneos. Trata-se, portanto, de um relato autobiográfico escrito por uma mulher que desde cedo se sentiu pertencente ao género feminino mas que, durante a primeira parte da sua vida, fez parte do sexo masculino. Esta complexidade tornaria legítimas diversas opções gramaticais no tratamento do género da narradora desta história. Note-se que a própria Jan Morris leva a cabo, na escrita deste livro, algumas escolhas controversas, como quando se refere a Einar Wegener sempre no masculino («ele»), mesmo ao aludir à sua morte sob o nome de Lili Elbe, após a operação de mudança de sexo a que este homem se sujeitou para passar a ser mulher.

Cheguei a ponderar a possibilidade de, desde o início da obra, usar verbos, adjetivos e outros vocábulos na forma feminina sempre que Jan Morris alude a si mesma. Pareceu-me, porém, que o efeito obtido seria bizarro. Se é certo que, a seus próprios olhos, Morris considerou desde muito cedo pertencer ao género feminino, o seu papel na sociedade era masculino e, para todos os efeitos práticos, ele era um homem e assumia-se como tal perante os outros. No fundo, interessava-me perceber em que pessoa gramatical Morris aludiria a si mesmo/a nas diversas fases da sua vida, se falasse português ou uma outra língua que a forçasse a escolhas constantes de género (o que não sucede com o inglês). Uma possível resposta surge numa fase já adiantada do livro: «Trinta e cinco anos enquanto homem, dez a meio caminho entre os dois sexos e o resto da minha vida como eu própria.» Julguei encontrar aqui a chave da questão, permitindo-me optar por uma solução relativamente conservadora. Assim, na primeira parte do relato (correspondente aos primeiros trinta e cinco anos de vida da narradora), encarei Morris, em termos gramaticais, como um ser masculino. A partir do momento em que iniciou o tratamento hormonal de modo convicto e ininterrupto (o que, em termos narrativos, ocorre no Capítulo 12), passando a situar-se, nas suas próprias palavras, «a meio caminho entre os dois sexos», passei a tratá-la no feminino, já que a dupla flexão («eu próprio(a)», por exemplo) tornaria o texto pesado e de leitura pouco fluida. Reservei a dupla flexão para certos trechos muito pontuais em que a autora sublinha com ênfase especial a ambiguidade que a dilacerava (a pertença simultânea ao sexo masculino e ao género feminino). Como não podia deixar de ser, desde o início do texto, optei pelo feminino nos casos em que a narradora se entrega a reflexões na primeira pessoa, no presente do indicativo.

Haverá, assim, em certos momentos da história por mim traduzida, um vaivém masculino/feminino que, espero, contribuirá para a enriquecer.

Paulo Faria, Novembro de 2016

Agradecimentos

Agradeço a todos quantos, tendo lido este livro nas suas primeiras versões, desempenharam o papel de guias ou batedores neste processo de exploração do eu — mas sobretudo, é claro, a Elizabeth e a Mark, que conheciam o terreno tão bem como eu e que, tantas vezes, seguiram na vanguarda, a desbravar o trilho.

As citações do Dr. Robert Stoller são extraídas da sua obra *Sex and Gender*, Londres, Hogarth Press, 1968. O trecho de C. S. Lewis é de *Perelandra*, Londres, The Bodley Head, 1943*. Os versos de Cecil Day Lewis são de *Overtures to Death*, Londres, Jonathan Cape, 1938.

* Publicado em Portugal com o título *Perelandra: Viagem a Vénus*, trad. Silva Horta, Mem Martins, Europa-América, 1991. (N.do t.)

I N T R O D U Ç Ã O

Este livro é já uma obra datada. Foi escrito nos anos 70, e nele se respira, sem sombra de dúvida, a atmosfera dos anos 70. O mundo mudou muito desde então, e os conceitos de identidade sexual, que constituem o tema explícito deste livro, mudaram mais do que qualquer outra coisa. As mulheres já não pensam da mesma maneira acerca de si próprias, os homens já não pensam da mesma maneira acerca das mulheres, e os elementos daquela proporção considerável da população que dantes se sentiam excluídos das categorias sexuais corriqueiras sentem-se agora, de modo geral, mais confortáveis na sua pele.

Em particular, o processo habitualmente conhecido por mudança de sexo, durante tanto tempo objecto do interesse ávido da imprensa tablóide, tornou-se quase banal. Hoje em dia, milhares de homens e mulheres tiveram já a possibilidade, graças a este ou àquele método, de habitar o sexo oposto. Uns acabaram por se evidenciar nos seus ofícios, outros fizeram figura de tolos, uns são feios, outros são belos, uns são promíscuos, outros são castos, uns procuram as luzes da ribalta, outros vivem num modesto anonimato — em suma, os indivíduos a que agora se convencionou chamar transexuais acabaram por se revelar, na maior parte das questões do dia-a-dia, muito parecidos com o resto das pessoas.

Mais ainda, a ciência esclareceu em parte o mistério em torno da transexualidade. Cientistas holandeses, ao levarem a cabo o exame *post mortem* dos cérebros de seis homens transexuais, descobriram que em todos os casos uma região



ENIGMA

foi composto em caracteres Hoefler Text e
impresso pela Guide, Artes Gráficas
sobre papel Coral Book de 90 g,
no mês de Maio
de 2017.

